

República Popular da China: Dicotomia Geopolítica

Therezinha de Castro*

O artigo apresenta um estudo histórico-geográfico sintético da China.

Considerando a China como o *Centro Geográfico do Universo*, mesmo sabendo que não corresponde mais à verdade, os chineses continuam denominando o país de *Chung-Kuo*.

O topônimo é formado por dois caracteres: o primeiro um retângulo atravessado de alto a baixo por um traço, significando um meio ou centro; o segundo representando um campo cercado, traduzindo-se por país ou reino. Desse modo, *Chung-Kuo* significa País do Meio Reino do Centro, atualmente a única nação emergente com assento permanente na Conselho de Segurança da ONU.

* Professora. Do Corpo de Permanente da ESG.

A China é uma república dita parlamentarista de modelo socialista, com população de 1 bilhão e 222 milhões de pessoas não homogênea etnicamente, vivendo num país cuja língua oficial é o mandarim ou o putonghua, onde subsistem 8 dialetos com suas inúmeras variantes, além das línguas próprias de 55 minorias. A multiciência lingüística tem reflexos na profusão religiosa do confucionismo, budismo e taoísmo (principais) e minorias islâmicas e cristãs.

Posicionada no leste da Ásia, banhada pelo Pacífico, formando, de norte para o sul os mares Amarelo, da China Oriental e da China Meridional, findando no Golfo de Tonkin, limita-se com 13 países. É lindeira de sul para o norte com o Vietnã,

Lão, Mianmá, Índia, Butan, Paquistão, Tadjiquistão, Kirguísia, Kasaquistão, Federação Russa (Sibéria), Mongólia e Coreia do Norte.

Fisiopolítica:

A China, segundo maior país do mundo em terras contínuas depois da Federação Russa, se subdivide administrativamente e 22 províncias, 5 regiões autônomas e 3 municípios (Pekin ou Beijing, Shangai e Tientsin) numa área de 9.596.961 km².

Seu espaço político se isola naturalmente da Ásia Ocidental por elevadas montanhas entrecortadas por páramos e desertos se estendendo do Himaláia ao Kuenlun, passando pelo Tien Shan e terminando no Altai.

A unidade física é condicionada pelo sistema monta-

nhoso que perde altura e se ramifica do interior para o litoral, permitindo a fácil penetração das populações para o *hinterland*¹. Essa penetração foi favorecida pelas correntes fluviais, ocupando profundas gargantas.

Com suas nascentes no Tibet, o Bramaputra, o Saluen e o Mecongo direcionados para o sul saem do território chinês, não ocorrendo o mesmo com o Yang-Tsé inteiramente nacional, que nada tem de Azul, muito embora lhe seja atribuída a denominação. Com seus 4.600 km serve aos arrosais com produção toda consumida internamente e se avizinha da Província de Hunan, a grande produtora mundial de tungstênio.

Ao sul, o Sikiang (2.640 km) serve aos importantes centros de Cantão, Hong Kong e Macáu, a face do país mais exposta ao mundo ocidental.

O núcleo geohistórico do país implantou-se na Bacia do Hoang-Ho ou Amarelo com seu curso de 4.200 km, servindo a uma área de

1.900.000 km². Serpenteando para o norte ou para o sul transporta grande quantidade de aluviões, o precioso löss, beneficiando extensa planície, transformando-a num dos territórios agrícolas mais ricos do mundo. Os depósitos fluviais quando se acumulam podem produzir inundações catastróficas, gerando a necessidade da construção de diques de contenção e de cansais sangradouros. Nasce o Amarelo do Kansu, das reservas petrolíferas, servindo as províncias de Shansi, Hopeh e Shantung, com jazidas de carvão.

O Grande Canal, elo de união entre o Amarelo e Azul, com seus 1.600 km de construção terminada ainda no século XIII, une Pekim a Shangai. É o traço de União no setor marítimo, onde se concentra o ecúmeno estatal encimado pelo núcleo geohistórico centrado em Pekim ou Beijing, exercendo as funções de capital do país desde 1213.

Além do setor marítimo, integram a China dois outros caracterizados como área geopolítica neutra; trata-se do interior, seguido da periferia, a faixa de fronteira terrestre caracterizada pela baixa densidade demográ-

fica, notadamente povoada por chineses, em geral islâmicos.

A dicotomia entre a costa desenvolvida e o interior marginalizado constitui um grande fratura geopolítica, que começa no Tibet, passa pelo Sinkiang Uighur, conectando a estepe ao Deserto de Gobi, já na Mongólia Interior. Dicotomia que irá caracterizar também o setor marítimo, não só pela integração Hong-Kong com os ingleses até 1997, e Macáu, que deixará de ser portuguesa em 1999, bem como pela situação de Formosa ou Taiwan, que só acatará uma união consumada quando o governo continental abandonar o sistema comunista.

Formação Histórica:

Embora haja quem acredite que a China seja bem mais uma civilização do que um Estado, sua história, remontando ao ano 2.000 a.C., já apresenta no início da Era Cristã com um poder unificado.

Seu primeiro contato com o Ocidente data do século XII, com o veneziano Marco Polo visitando a corte de Kubilai-Kan, o neto do mongol siberiano Gengis-Kan, conquistador de Pequim, em

1. Na América do Sul o declive do Planalto Central para o interior facilitou a penetração dos portugueses e, conseqüentemente a integração de vasta área do *hinterland* ao Brasil, no período da união das monarquias ibéricas (1580-1640).

1215. No entanto a abertura da China ao comércio regular com a Europa data da fundação de Macáu, em 1555, onde os portugueses obtiveram o monopólio, sistema que atrairia os ingleses para Cantão (1715).

A chegada dos ingleses a essa porta de entrada da ocidentalização iniciava, no processo histórico chinês, a fase de desintegração territorial. Até então recomendavam os médicos chineses o uso do ópio para tratamento da diarreia e desintéria, advertindo que usado sem cuidado poderia matar como um punhal. Em 1729, graças aos ingleses, já se comerciava na China 12 toneladas do produto para abastecer os viciados, levando o governo de Pequim a assinar o primeiro decreto contra sua venda para fins não medicinais. A medida não surtiria efeito e, já no ano de 1838, cerca de 1.800 toneladas do produto eram introduzidas na Índia e na China, desencadeando a chamada *Guerra do Ópio* (1839-1842).

Vencida, a China era obrigada a abrir vários de seus portos ao comércio com os europeus, tendo que pagar aos ingleses 21 milhões de dólares e entregar-lhes Hong-Kong.

Não tardaria o efeito cascata e, com o aumento de impostos incidindo sobre as massas camponesas à beira do caos e da fome, contribuindo, em 1850, para a *Revolta dos Taipings*. Vencido o movimento, ficava, no entanto, a China exaurida e alvo fácil para novas investidas européias.

No final do século, pouco restaria da milenar China. Nessa fase de desintegração territorial, a China perde o Anam (atual Vietnam) para a França (1885), animando o expansionismo japonês que se apodera da Coreia, de Formosa e parte da Manchúria, onde a Rússia obtém direitos ferroviários e facilidades portuárias.

As perdas territoriais geram a *Rebelião dos Boxers*, contrários à presença estrangeira, debelada pelos ocidentais e nipônicos, levando os Estados Unidos à *Política da Porta Aberta*, através da qual, em troca da manutenção da integridade territorial chinesa, se fazia a liberação total do comércio.

A situação caótica levaria o líder Sun Yat-Sem, em 1911, às reivindicações libertadoras, revoltando o sul que o elege presidente de uma república liberal. A disseminação das idéias republica-

nas, no final do século XIX, atingiria a China que, em 1912, depunha a secular dinastia mandchu.

Não tardaram os distúrbios levando o país à secular guerra civil (1927), culminando com a invasão da Manchúria (1931) pelos japoneses, que se aproveitaram da rivalidade entre Mao-Tsé Tung e Chiang Kai Chek. Essas lutas entre comunistas e nacionalistas animaram o expansionismo japonês, que invadiu a China, só saindo de lá em 1945.

A guerra civil teria continuidade até 1949 quando, com a vitória do comunismo no continente, os japoneses restituem Formosa (1949) aos partidários do Kuomintang ou anticomunistas. Dividia-se em dois o governo chinês, em Pequim e Taipé; Formosa voltada para o mundo democrático e a República Popular aliada aos russos.

A China comunista trata de se impor no continente, invadindo, em 1949, o Tibet, detentor das nascentes de importantes rios chineses; e entra em conflito com a Índia, em áreas lindeiras do Aksai Chin e Aruchanel Pradesh.

Em situação econômica difícil contou, nos primeiros

anos, com o apoio de Moscou. Iniciando o conflito sino-soviético (1963) impôs-se no país o modelo comunista próprio da *Revolução Cultural Proletária* (1966-1976). Em 1971, a China conseguiu substituir Formosa na ONU, para aproximar-se, ano seguinte, dos Estados Unidos.

Dissidências, golpes fracassados e expurgos irão caracterizar a política interna do país, mesmo após a morte de Mao (1976) que, só em 1993, oficializava os conceitos de *socialismo com características chinesas* apoiado na *economia de mercado*. Era a Política Reformista de Deng Xiaoping, através da qual a China adotava a fórmula de um país e dois sistemas, diferindo assim da *Glasnost/Perestroika* de Michail Gorbachev, na Rússia. Era a autêntica dicotomia do quase capitalismo dentro do comunismo; implantavam-se as ZEE (Zonas Econômicas Especiais) sem que expurgasse o sistema político herdado de Mao Tse-Tung e, na dicotomia, a China adotava a fórmula já referida de *um país e dois sistemas*.

Em função das 9 Emendas à Constituição visava-se à aceleração das reformas

econômicas, reduzindo-se a influência do Partido na administração. Secretário Geral do PC, Jiang-Zemin tornava-se o primeiro homem, desde a morte de Mao, em 1976, a acumular as funções de Presidente da República, Chefe do Partido e Comandante das Forças Armadas, o que o qualificaria como substituto de Deng Xiaoping, já bastante idoso e doente e que viria a falecer, em fevereiro de 1997.

Revolução:

Rejeitando, via de regra as imposições da sociedade internacional, diz-se que, no passado, a China construiu a Grande Muralha, a única obra arquitetônica da Terra vista da Lua, para isolar e proteger a sua cultura. Dominada pelos mongóis e governada pelos mandchús, os chineses assimilaram culturalmente os conquistadores, mas não conseguiram fazê-lo quando sofreram o embate do ocidente. Nesse último caso, tiveram que improvisar contando com a sabedoria popular.

Com a política reformista, o comércio deixou de ser visto como prática contaminadora de sua milenar cultura e, as rotas do Sudeste

Asiático passaram, paulatinamente, a ser importantes. E assim, tentando viver mais intensamente que o resto da humanidade, enterraram um século em duas décadas.

No entanto, a atual revolução chinesa induz o país a uma dicotomia geopolítica pois, se a costa se envolve com o desenvolvimento, o interior se mantém estanque e atrasado, como setor marginalizado.

É fato que, da estrutura feudal à pós-industrial, a população chinesa enfrenta fase complexa rumo ao ascendente culto ao dinheiro. Mostrando, no entanto, que as desigualdades sociais e geográficas estão presentes numa China ainda de fraco poder real, mas de imenso poder latente, levando, geopoliticamente, as potências mundiais a lhe conferir destacado *poder prestígio*, levando a *Teoria Cline* a conferir-lhe o estágio de potência emergente e o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres a prever um duelo China/Estados Unidos, no próximo século XXI.

Modernizando suas Forças Armadas, mostra-se a China insatisfeita com as atuais fronteiras. Mantém assim a ocupação militar do

Tibet, reivindica a soberania sobre Formosa e disputa as Ilhas Spratly ou Paracelso, também pretendidas pela Malásia, Singapura, Indonésia, Filipinas, Vietnam e

comprar eletrodomésticos, destacando-se que, há 20 anos atrás, não existiam os 84% da população que hoje possuem televisor, geladeira, máquina de lavar e vídeo.

atrás, a esperança de vida era de 35 anos, sendo atualmente de 68 anos para os homens e 73 para as mulheres.

A superpopulação é grande problema para o país que, desde 1970, se impôs o controle da natalidade, com multas aplicadas a casais com mais de um filho. No campo, no entanto, são mais comuns os casos de transgressão, sabendo-se que a China tem um crescimento vegetativo de 12 milhões por ano e que, sem o controle, o teria 4 vezes maior.

O chinês da cidade, por sua vez, não admite que está assumindo a cultura ocidental. Para dosar o embate, é comum frente a uma loja de sanduíches como o Mc Donald's, por exemplo, ser instalado um restaurante com cardápio local. Muito embora nos centros urbanos o individualismo burguês se contraponha ao clã, o cidadão dosa a situação pois, frente ao informalismo ocidental, está o sagrado protocolo chinês celebrando o confucionismo.

Vivendo nos dois extremos Pequim e Beijing e Shanghai, com prédios de 40 ou mais andares, contam ainda com cerca de 5 milhões de bicicletas para apenas 800 mil veículos à motor. Nesse

A atual revolução chinesa induz o país a uma dicotomia geopolítica pois, se a costa se envolve com o desenvolvimento, o interior se mantém estagnado e atrasado, como setor marginalizado.

Brunei, além do Arquipélago de Senkaku, ocupado pelo Japão.

Em se tratando das contradições internas, são essas proporcionais, não só à magnitude como a velocidade do processo de modernização. São interessantes os resultados da primeira pesquisa formal feita pelo Instituto Gallup, em fevereiro de 1995. Através dela, mais de 1 bilhão de pessoas, ou seja 60% da população, responderam ter como objetivo de vida tornarem-se ricos para

Os chineses comunistas demonstraram sempre serem mais pragmáticos do que ideológicos, muito mais ligados à sua sobrevivência do que ao ideário do marxismo que, nada mais era do que uma doutrina importada do pensamento ocidental. Assim, na pesquisa realizada pelo Gallup, apenas 4% dos chineses subscreveram a norma maoísta – *nunca pense em si mesmo; dê-se todo ao serviço da sociedade.*

No mundo agrário chinês, a família tem ainda papel decisivo na estrutura social. A rede familiar é baseada na função de apoio, pois a consciência de pertencer a um clã é decisiva. Essa população campesina recolhe suas emoções e a felicidade maior é poder contemplar sua sucessão por 3 gerações. Tal fato já começa a se tornar realidade pois, há cem anos

2. Arquipélago formado por 33 ilhas e 400 atóis dispersos por 166.000 km, posicionados no trajeto das grandes linhas marítimas do Oriente Médio ao Pacífico Norte, no eixo do comércio japonês com a Índia/Oriente Médio/Europa. Com recursos potenciais de petróleo e gás natural a disputa em escala local, marca a presença dos países reclamantes; em escala regional, com a exploração dos primeiros campos petrolíferos por companhias dos Estados Unidos contratadas pela China e Vietnam, desde 1994.

ambiente de multinacionais estadunidenses e japonesas exibindo painéis de propaganda, as lanchonetes, há algumas décadas desconhecidas, servem Sprite com vinho, o drink da moda.

Na sociedade em mutação só os cinquentões ou mais idosos exibem o vestuário lançado por Mao Tse-Tung, curiosamente de origem japonesa, copiado de Sun Yat-Sem, o fundador da república, em 1911. Os mais jovens, freqüentando shoppings e discotecas, se vestem ao estilo ocidental ou usam calças compridas para facilitar a locomoção nas bicicletas.

A isenção fiscal nas ZEE, as facilidades para as exportações, a mão de obra barata tornou árduo o trabalho no setor litorâneo. Com poucos dias de férias, os chineses mantêm o comércio aberto nos 7 dias da semana, das 10 às 22 horas.

Mas em toda essa *chinesização* voltada para a modernidade, a China não esquece que, no passado, a história escrita pelo Ocidente foi marcada pelo desequilíbrio socio-econômico, que redundou na geopolítica da guerra e da tragédia. Trata, por isso, dentro da dicotomia de acertar porém aprendendo com o

passado de erros. Daí não se afastar da unidade política cimentada no culto das personalidades de Mao Tse-Tung e Deng Xiaoping. Mas, na dicotomia, a China vem demonstrando ser um vulcão prestes a realizar sua erupção, e isso deixou-se transparecer na *Revolta Estudantil de 1989*. A repressão não tardou, pois o regime forte se mantém na estabilidade política com Jiang Zemin, personalidade que antes mesmo da morte do reformador Deng Xiaoping o substituiu na liderança.

Conclusão

Dentro do unipartidarismo, afastada da democracia e ignorando direitos humanos, a China instituiu a atual fase de transição de *leninismo de mercado*, onde é notória a ingerência do Partido Comunista na planificação econômica, sobretudo em setores geoestratégicos, considerados politicamente importantes. Participação essa quer através de aquisição de opções em empresas privadas, ou via notória associação da PLA (Exército de Libertação do Povo) com empresas civis.

O PLA fez sua entrada triunfal em 30 de junho de

1997 em Hong-Kong, a terceira praça financeira do Mundo, devolvida pelos ingleses à China e que se constituiu num excelente laboratório entre os interesses do Ocidente e do Oriente. A devolução é na realidade, um teste, pois se a linha dura vier a se implantar na Região Administrativa Especial de Hong-Kong, serão praticamente impossíveis as chances de reunificação pacífica com Formosa, as reações na Zona de Co-Propriedade do Pacífico serão extremamente negativas e será inevitável o confronto com os Estados Unidos. Nesse contexto, a reintegração de Hong-Kong significa risco e oportunidade para a China.

Concluindo-se, são muitos os caminhos a se percorrer nessa China emergente, buscando uma via comum e lutando para ser membro da WTO (*World Trade Organization*), e de manter seu status de *nação mais favorecida* junto ao governo de Washington.

Dessa China de dicotomia sociopolítica, já que os atuais líderes, como Jiang Zemin, estudaram nas universidades russas, enquanto os filhos desses membros da nomenclatura aprenderam o inglês, formando-se

